

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL**

MARIA ELIANDRA PAULO SOARES

**IDENTIDADE E ARTESANATO EM SANTANA DO LIVRAMENTO: UMA
ANÁLISE DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS**

SANTANA DO LIVRAMENTO

2019

MARIA ELIANDRA PAULO SOARES

**IDENTIDADE E ARTESANATO EM SANTANA DO LIVRAMENTO: UMA
ANÁLISE DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Zamboni Neske

SANTANA DO LIVRAMENTO

2019

Sobrenome, Nome (**Exemplo: Deggerone, Zenicleia Angelita**)

Título: / Nome, Sobrenome – Município, Ano.
Número de folhas: 116 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Administração, Polo em Santana do
Livramento, 2015.

Orientador: Prof. Dr.

1. Gestão Agroindustrial. 2. Gestão da Qualidade. 3. Ciências da Vida
E do Meio Ambiente. 4. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Kirch, Ivone
Portes. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Desenvolvimento
Rural e Gestão Agroindustrial, Pólo em Santana do Livramento. III. Título.

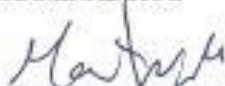
MARIA ELIANDRA PAULO SOARES

**IDENTIDADE E ARTESANATO EM SANTANA DO LIVRAMENTO: UMA
ANÁLISE DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em: Santana do Livramento, 11 de 07 de 2019.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Márcio Zamboni Neske – Orientador
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS



Profa. Dra. Cassiane da Costa
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS



Prof. Me. Marcos Aurélio Torres Rodrigues
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe Claudia Gama Paulo, ao meu pai Alessandro Soares e ao meu vô Delmar Paulo Alviene e aos amigos e demais familiares que me deram todo o suporte para concluir minha primeira caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai maior que permitiu a minha vida neste plano.

À minha mãe que além de me dar a vida dedicou toda a sua para o meu bem estar e felicidade, mulher esta que foi mãe, pai e amiga. É o alicerce da minha vida, sem a senhora eu nada seria.

Ao meu amado avô que desde os meus primeiros anos de vida criou-me com todo amor e carinho juntamente a minha mãe.

Aos meus tios que tornaram minha infância mais doce e alegre.

Muito obrigada pai pelos momentos que vivemos e que ainda viveremos juntos.

Agradeço a minha família paterna que chegou em minha vida para somar.

Sou grata aos amigos que nos momentos difíceis sempre tiveram uma palavra amiga para comigo. Esse último ano de 2018 foi bem difícil, mas com o auxílio de vocês eu venci.

Sou eternamente grata à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, unidade em Santana do Livramento, a qual muito ensinou-me e auxiliou no meu amadurecimento.

Aos professores, em especial ao meu orientador, Márcio Zamboni Neske, por todos os “puxões” de orelhas e conselhos, o qual sempre esteve disposto a me ouvir e ajudar. Muito obrigada.

Agradeço também os (as) artesãos(ãs) entrevistados (as) que participaram dessa pesquisa, pois sem eles (as) este trabalho não poderia ser realizado.

Muito obrigada!

NÃO TE RENDAS (NÃO DESISTA)

*Não te rendas, ainda estás a tempo de alcançar e começar de novo,
aceitar as tuas sombras, enterrar os teus medos, largar o lastro, retomar o voo.*

*Não te rendas que a vida é isso,
continuar a viagem, perseguir os teus sonhos,
destravar os tempos, arrumar os escombros e destapar o céu.*

*Não te rendas, por favor, não cedas,
ainda que o frio queime,
ainda que o medo morda,
ainda que o sol se esconda,
e se cale o vento: ainda há fogo na tua alma
ainda existe vida nos teus sonhos.*

*Porque a vida é tua, e teu é também o desejo,
porque o quiseste e eu te amo,
porque existe o vinho e o amor,
porque não existem feridas que o tempo não cure.*

*Abrir as portas, tirar os ferrolhos,
abandonar as muralhas que te protegem,
viver a vida e aceitar o desafio, recuperar o riso,
ensaaiar um canto,
baixar a guarda e estender as mãos,
abrir as asas e tentar de novo
celebrar a vida e relançar-se no infinito.*

*Não te rendas, por favor, não cedas,
mesmo que o frio queime,
mesmo que o medo morda,
mesmo que o sol se ponha e se cale o vento,
ainda há fogo na tua alma, ainda existe vida nos teus sonhos.*

*Porque cada dia é um novo início,
porque esta é a hora e o melhor momento.
porque não estás só, por eu te amo.*

(Mario Benedetti)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho visa estudar quem são os/as artesãos/ãs de Santana do Livramento que comercializam seus produtos no Parque Internacional e na Casa de Economia Solidária. O percurso metodológico compreendeu os (as) artesãos (ãs) que desenvolvem suas atividades artesanais na Praça Internacional (divisa entre Santana do Livramento e Rivera) e na Casa de Economia Solidária. Quanto à abordagem da pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa-quantitativa, e o estudo de caso como método. O trabalho evidencia que atividade artesanal é uma forma identitária que está ligada à realização pessoal, bem como moldada pela tradição. Ser artesão (ã) para muitos é uma filosofia de vida, é transmitir com as mãos aquilo que sente, é possuir liberdade para criar, é conciliar trabalhar no que gosta e adquirir seu sustento. Muitos dessas mulheres e homens não imaginam seu modo de existência fora desse ofício. Ao mesmo tempo, ser artesão(ã) é uma luta constante por demarcar uma identidade de resistência. No entanto, o fato é que esses (as) artesãos (ãs) ainda permanecem invisibilizado (a) perante a esfera social e política de Santana do Livramento, apresentando dificuldades de inserção na economia local e reconhecimento social.

Palavras-chave: Artesanato. Saber-Fazer. Identidade Cultural. Resistência

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

El objetivo general de este trabajo es estudiar quiénes son los artesanos de Santana do Livramento que comercializan sus productos en el Parque Internacional y la Casa de la Economía Solidaria. El camino metodológico comprendió a los artesanos que realizan sus actividades artesanales en Praça Internacional (frontera entre Santana do Livramento y Rivera) y en la Casa de Economía Solidaria. Con respecto al enfoque de investigación, se adoptó un enfoque cualitativo-cuantitativo, y el estudio de caso fue un método. El trabajo muestra que la actividad artesanal es una forma de identidad que está vinculada a la realización personal, así como moldeada por la tradición. Ser un artesano para muchos es una filosofía de vida, es transmitir con tus manos lo que sientes, tener libertad para crear, es conciliar el trabajo en lo que te gusta y obtener tu sustento. Muchas de estas mujeres y hombres no pueden imaginar su modo de existencia fuera de este comercio. Al mismo tiempo, ser un artesano (ã) es una lucha constante para demarcar una identidad de resistencia. Sin embargo, el hecho es que estos artesanos siguen siendo invisibles en la esfera social y política de Santana do Livramento, lo que presenta dificultades de inserción en la economía local y el reconocimiento social.

Palabras clave: Artesanía. Saber Hacer. Identidad cultural. Resistencia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Teares utilizado na produção artesanal junto à Casa de Economia Solidária.....	19
Figura 2 – Produtos confeccionados na Casa de Economia Solidária.....	20
Figura 3 – Artesanato do Parque Internacional	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de atividade (%) no artesanato.....	15
Gráfico 2 – Horas de trabalho diário da família com artesanato.	15
Gráfico 3 - Local de produção do artesanato.....	18
Gráfico 4 – Matéria prima utilizada na produção.....	22
Gráfico 5 – Dificuldades apontadas para a aquisição de matérias primas.....	23
Gráfico 6 – Motivação para a realização do artesanato (%).....	26
Gráfico 7 – Tipo de conhecimentos utilizados para a produção artesanal.	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil social dos entrevistados - Gênero, faixa etária, escolaridade	13
Quadro 2 - Formação da renda e participação do artesanato na renda familiar.	16
Quadro 3 - Origem e local de compra da matéria prima.	23
Quadro 4 - Local de comercialização.	24
Quadro 5 - Origem dos clientes em percentual.	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEEL	– Agência Nacional de Energia Elétrica
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAB	– Programa de Artesanato Brasileiro
SEBRAE	– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SPSS	– Statistical Package for Social Sciences
UERGS	– Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 ARTESANATO E IDENTIDADE	4
2.1 O ARTESANATO COMO OBJETO DE ESTUDO E INTERESSE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	4
2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	8
2.3 IDENTIDADE TERRITORIAL.....	10
3. PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ARTESÃOS.....	13
3. 1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS(AS) ARTESÃOS (AS)	13
4. IDENTIDADE, PRODUÇÃO E VENDA.....	18
4. 1 CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS DOS ARTESÃOS	18
4.2 A RELAÇÃO COMERCIAL.....	24
5. O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL NA FRONTEIRA	26
5.1 O OFÍCIO DE SER ARTESÃO (A)	26
5.2 O SABER-FAZER ARTESÃO(Ã)	27
5.3 IDENTIDADE INVISIBILIZADA	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	36
APÊNDICE B– TERMO DE CONSENTIMENTO	42

1 INTRODUÇÃO

A produção artesanal é um elemento que compõe a diversidade das manifestações culturais no bioma pampa, fazendo parte dos componentes históricos, se inter cruzando com a sua própria evolução cultural, socioeconômica e produtiva. Ao mesmo tempo, nos processos globalizados, o artesanato tem assumido crescente importância na afirmação da identidade dos territórios em razão dos atributos simbólicos que acionam e aportam. Assim, a identidade, enquanto código local, material e cognitivo, é produto social da territorialização e se constitui no patrimônio cultural de cada lugar (GUIMARÃES; PINHEIRO, 2018).

O artesanato, como um bem cultural, destaca-se como singularidade vinculada ao território e que são mobilizadas na promoção de valorização dos ativos territoriais (MELLO, 2016). Segundo Tedesco (2018), o artesanato nunca possuiu uma realidade homogênea, transmitindo trabalho, valores, técnicas, signos produzidos no sistema cultural a que o indivíduo e/ou o grupo pertence sendo uma resposta às necessidades do meio ligadas ao trabalho, à vida doméstica, ao adorno, ao lazer, à economia doméstica, à identidade de grupos sociais e culturais.

No município de Santana do Livramento, localizado na região pampeana do Rio Grande do Sul, fronteira com Rivera (Uruguai), existem muitos homens e mulheres que se dedicam à atividade artesanal. Produzindo de forma coletiva, ou mesmo individual, esses (as) artesãos (ãs) possuem na produção artesanal um modo de vida. Assim, esses (as) artesãos (ãs) e os artefatos construídos fazem parte do patrimônio cultural local, ocorrendo, um forte vínculo desses sujeitos com o espaço onde estão inseridos influenciando a construção da identidade territorial. Tendo por referência experiências da produção artesanal do município de Santana do Livramento, o problema de pesquisa delineado apresenta a seguinte questão norteadora: como o artesanato configura códigos e processos identitários entre os (as) artesãos (ãs). Assim, o objetivo geral visa estudar quem são os/as artesãos/ãs de Santana do Livramento que comercializam seus produtos no Parque Internacional e na Casa de Economia Solidária. Especificamente, objetiva-se (a) caracterizar o perfil socioeconômico dos (as) artesãos (ãs); (b) pesquisar quais são as principais dificuldades que os artesãos enfrentam; (c) entender as representações sociais que eles/as tem a cerca de ser artesão/ã, bem como avaliação que fazem acerca do reconhecimento do seu trabalho.

O percurso metodológico compreendeu os (as) artesãos (ãs) que desenvolvem suas atividades artesanais na Praça Internacional (divisa entre Santana do Livramento e Rivera) e

na Casa de Economia Solidária. Quanto à abordagem da pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa-quantitativa. Para Flick (2009), a combinação entre diversos métodos qualitativos e quantitativos, visa fornecer um quadro mais geral da questão em estudo, ou seja, a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos. Adotou-se o método de estudo de caso, o qual tem por princípio a realização de uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, estudado, revelando nuances difíceis de serem enxergadas “a olho nu” (YIN, 2005).

As técnicas utilizadas de coletas de dados envolveram a pesquisa bibliográfica sobre o tema (livros, teses, dissertações, TCCs) e entrevistas semiestruturadas com roteiro contendo perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A). As entrevistas foram realizadas no período de 28 de abril de 2019 até 10 de maio do mesmo ano, sendo realizadas na Casa de Economia Solidária e nas bancas localizadas no Parque Internacional. Na Casa de Economia Solidária foram entrevistas representantes dos empreendimentos Teares do Sul, Tchê Art, Costu'Art, Legado Produtos Artesanais. O contato inicial com os (as) entrevistados (as) deu-se inicialmente de forma exploratória, com visitas aos empreendimentos e a inserção inicial da pesquisadora no campo. Posteriormente foram agendadas as entrevistas com os (as) artesãos (ãs), totalizando 12 entrevistas realizadas. As entrevistas foram gravadas e também foram realizados registros fotográficos com o consentimento dos (as) entrevistados (as). A técnica de análise dos dados qualitativos envolveu a transcrição das entrevistas no software Microsoft Excel (versão 2013) para posterior análise de conteúdo das informações. Quanto ao tratamento dos dados quantitativos, os mesmos foram tabulados e analisados por meio de estatística descritiva, contando com recurso os softwares Microsoft Excel, versão 2013, e SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 20.

Além dessa introdução, o trabalho está organizado em mais 5 capítulos. O capítulo 2 é apresentado a revisão bibliográfica, onde são abordado discussões relacionadas a temática da identidade. Os capítulos 3, 4 e 5 apresentam os resultados da pesquisa. No capítulo 3 são analisadas as características do perfil socioeconômico dos (as) artesãos (ãs). O capítulo 4 apresenta uma discussão demonstrando como a identidade apresenta vínculos com aspectos da produção e venda do artesanato. O capítulo 5, por sua vez, procura estabelecer uma análise envolvendo a construção da identidade e suas relações com o ofício de ser artesão (ã) e o saber-fazer, além de processos sociais que demarcam a invisibilidade dos(as) artesãos (ãs). Por fim, no capítulo 6 são tecidas algumas considerações finais do trabalho.

2 ARTESANATO E IDENTIDADE

2.1 O ARTESANATO COMO OBJETO DE ESTUDO E INTERESSE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Desde um contexto histórico, a origem do artesanato é tão antiga quanto a história do homem, pois com o decorrer da evolução humana surgiu a necessidade da criação de utensílios domésticos de bens de utilidade, e desse modo, surgiu a criação de demais artefatos artesanais. Data-se que os primeiros artesãos surgiram no período Neolítico a 10.000 A.C, pois, o homem, ao manusear o fogo e a argila, além de fabricar ferramentas utilizados na agricultura, desenvolvia artefatos artesanais utilizados no seu cotidiano (LIMA, 2009). Assim, o artesanato teve início com as necessidades do homem, e conforme a sua evolução e necessidade, as sociedades humanas aprenderam a criar artefatos para que facilitasse seu dia-a-dia (LAMPEN, 2001 apud SOUSA SANTOS, 2010).

Com o passar dos anos os artefatos foram evoluindo juntamente com a história da humanidade. Anteriormente as ferramentas eram somente para que as atividades de sobrevivência fossem melhor desempenhadas, posteriormente surgiram grupos especialistas em produzir essas ferramentas que eram vendidas à população, desse modo os artesãos deram início ao comércio de trocas e assim iniciaram feiras que com o decorrer dos anos deram origem aos centros urbanos (BARROSO NETO, 2015 apud IRIAS e FARIAS, 2016). Lima (2007) considera que se for considerado a diversidade de culturas do passado e do presente, nem vagamente é possível ter uma ideia do montante de objetos que foram produzidos pela humanidade de forma artesanal, sobretudo se for considerado que até a revolução industrial, o mundo vinha sendo construído de forma artesanal. Assim, esse autor afirma

Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância. (LIMA, 2007, p.01)

Ainda de acordo com Lima (2007), os instrumentos auxiliares como um formão ou um pincel, uma agulha ou um martelo, um torno de olaria ou um tear de tecelagem não definem o processo, pois no artesanato o que importa é o fazer com as mãos, o fazer manual, ou seja, é o gesto humano que determina o ritmo da produção e impõe sua marca sobre o produto.

Segundo Lemos (2011 apud Irias e Farias, 2016) o artesanato faz parte do imaginário coletivo, onde a fonte para a criação é a tradição popular regional que compõem a arte popular de um determinado local. O artesanato é uma maneira de comunicação não falada que transmite uma mensagem através de suas partes constitutivas, o qual resulta estímulos que são perceptíveis através de códigos específicos que repercutem características de uma determinada sociedade e cultura (OLIVEIRA, 2011 apud IRIAS e FARIAS, 2016).

Para Borges (2003, apud Irias e Farias, 2016) o trabalho artesanal é um rico patrimônio cultural, acumulado nas comunidades através das técnicas transmitidas de geração em geração, utilizando os materiais adquiridos na região onde o artesão vive. Sendo assim, o artesanato é um mecanismo que representa a identidade de um povo, pois através dele, gerações transmitem seus costumes para as futuras gerações.

Além desses autores podemos ver a definição do conselho mundial do artesanato que define o artesanato como uma atividade produtiva que resulte em artefatos acabados que são feitos de forma manual ou que utilize meios tradicionais onde o artesão desempenhe a atividade com habilidade, destreza e criatividade (MELLO, 2016). Já o SEBRAE define o artesanato como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. (SEBRAE, 2010).

Para o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB, 2012), o artesanato é um processo onde o artesão transforma a matéria-prima em um artefato ou utensílio de forma manual onde o artesão emprega técnicas previamente conceituadas, unindo criatividade, habilidade e a cultura de um determinado local, possuindo ou não fins lucrativos, no seu processo pode ocorrer o auxílio, mesmo que limitado de certas máquinas ou ferramentas. O PAB (2012) possui uma classificação dos tipos de artesanatos existentes no país de acordo com a sua origem, natureza de criação e seu significado:

- Artesanato indígena: é todo artefato produzido em comunidades e etnias indígenas.
- Artesanato reciclável: é o artesanato o qual a matéria prima já foi utilizada e é reutilizada para a produção do mesmo.
- Artesanato tradicional: representa as tradições de um determinado grupo social, representando o cotidiano e os costumes do artesão em questão.
- Artesanato de referência cultural: é todo artesanato concebido a partir de estudos possuindo por principal característica resgatar os elementos culturais do território onde o artesanato é produzido.

- Artesanato contemporâneo-conceitual: são todos os artefatos inovadores resultantes de um projeto de afirmação de um estilo de vida.

O SEBRAE (2010) possui também uma classificação muito semelhante ao Programa Nacional Brasileiro o qual define as categorias dos produtos artesanais através dos processos de produção, a sua origem o seu uso e destino:

- Arte popular: Conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar.
- Artesanato: A partir do conceito proposto pelo Conselho Mundial do Artesanato, define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.
- Trabalhos manuais: Os trabalhos manuais exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões predefinidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo. É muitas vezes, uma ocupação secundária que utiliza o tempo disponível das tarefas domésticas ou um passatempo.
- Produtos alimentícios (típicos): Os produtos típicos são, em geral, produtos alimentícios processados segundo métodos tradicionais, em pequena escala, muitas vezes em família ou por um determinado grupo.
- Produtos semi-industriais e industriais “Industrianato/ Souvenir”: Produção em grande escala, em série, com utilização de moldes e formas, máquinas e equipamentos de reprodução, com pessoas envolvidas e conhecedoras apenas de partes do processo. souvenirs são objetos produzidos com foco no mercado turístico, que expressam identidade cultural, comunica conceitos e busca qualidade e funcionalidade das peças.
- Artesanato indígena São os objetos produzidos no seio de uma comunidade indígena, por seus próprios integrantes. É, em sua maioria, resultante de uma produção coletiva, incorporada ao cotidiano da vida tribal, que prescinde da figura do artista ou do autor.
- Artesanato tradicional: Conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em

geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo.

- Artesanato de referência cultural: São produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos.
- Artesanato conceitual: Objetos produzidos a partir de um projeto deliberado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação é o elemento principal que distingue este artesanato das demais categorias. Por detrás desses produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores, muitas vezes explícitos por meio dos sistemas de promoção utilizados, sobretudo àqueles ligados ao movimento ecológico e naturalista.

Segundo Roriz (2010), o artesanato tem sido estudado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como a história, a sociologia, a antropologia, a psicologia, o *design*. Tem sido também objeto de intervenções público-privadas para a preservação do patrimônio cultural e geração de trabalho e renda. No Brasil, segundo o IBGE (2014), o artesanato está presente como atividade econômica em 78,6% dos municípios brasileiros, sendo que 8,5 milhões de brasileiros garantem o sustento do lar desta forma. Os artesãos movimentam mais de R\$ 50 bilhões por ano, mesmo assim o retorno para o artesão é bem pequeno economicamente. No Rio Grande do Sul, de acordo com o Manual de Orientação do Artesanato Gaúcho (2015), existem cerca de 84 mil artesãos profissionais ativos, com renda média de um salário mínimo mês e com volume anual acumulado de vendas superior a 45 milhões de reais. Diante das dinâmicas socioeconômicas do mundo globalizado, o artesanato tem sido associado cada vez mais como vetor de desenvolvimento local, incentivando o trabalho comunitário promovendo, dentre outros projetos, roteiros turísticos, possibilitando o escoamento de grande parte da produção do artesanato e, principalmente, valorizando o território, a cultura tradicional, contribuindo para fortalecer a consciência de identidade cultural local (SANTOS et al. 2010; TEIXEIRA et al.; 2011; MELLO; FROEHLICH, 2018).

2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Todo indivíduo existente na sociedade trilhou sua trajetória do zero, sem uma identidade definida, pois ao nascermos somos puros e inocentes e com o passar dos anos a nossa identidade é criada de acordo com as pessoas que nos rodeiam e o local onde habitamos, esses fatores fazem com que cada pessoa se torne única e com o decorrer da vida procure pessoas com costumes com gostos parecidos, onde se agrupam e criam tribos ou grupos dentro de uma sociedade, que com o transcorrer das experiências adquiridas vão fazendo com que o processo de construção de uma identidade esteja sempre em constante modificações.

Conforme afirma Santinello (2011), a complexidade e a dinamicidade da identidade é um tanto controverso, tendo em vista os autores que estudam sobre a sociedade e a sua constituição com concepções teóricas variadas, onde se observa aspectos relativos ao processo comunicacional intrínseco nas áreas históricas, filosóficas, sociais, econômicas, educacionais e outras.

Segundo Jacques (2006, apud Santinello, 2011) a identidade é a maneira de como um indivíduo constrói o seu ser, de acordo com a relação estabelecidas com outros grupos e fatores, como por exemplo a família, a sua raça, seu gênero ou profissão onde o igual e o diferente convivem simultaneamente. Podemos notar com essa afirmação que a identidade é contruída de acordo com as ligações que o indivíduo mantém com seu meio externo, os grupos que o rodeiam e as relações que com eles mantém.

Para Castells (2008, p .21), outro autor importante no debate teórico sobre o tema, “identidade é a fonte de significado e experiência de um povo”. O autor considera que a identidade é um processo de construção de significado com base em atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre sobre outras fontes de significados, ou seja, a identidade constitui fontes de significados para os próprios indivíduos e são construídas por meio de um processo de individualização. Para Castells (2008) a construção social das identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, e assim propoe uma distinção em três formas e origem de construção da identidade. A identidade legitimadora é constituída pelas instituições ditas dominantes de uma determinada sociedade a qual tem por objetivo disseminar o seu poder de dominação sobre os demais grupos sociais; a identidade de resistência são aqueles indivíduos que se encontram em desvantagem em relação aos grupos dominantes, criando barreiras para sua sobrevivência, possuindo por base princípios diferentes dos que norteiam as instituições sociais; já a identidade de projeto é construída através dos

materiais culturais de uma determinada sociedade, tendo por objetivo redefinir posições na sociedade, a transformando assim a sua estrutura social.

Segundo Castells (2008) a construção da identidade está conectada ao seu contexto, levando em consideração nas interações sociais e as características do tipo de identidade que conectam-se ao ser social, sendo o indivíduo um ator social responsável por suas necessidades para com a sociedade. Ao que diz respeito atores sociais, a identidade é um processo de construção a qual possui base atributos culturais, podendo haver várias identidades para um único indivíduo, ou seja, mesmo para Castells a identidade é construída e o indivíduo possui várias identidades pelo fato dele manter relações com diversos grupos dentro da sociedade a qual faz parte. Nesse sentido para Enne (2004) a idéia de identidade remete, necessariamente, aos processos de interação entre indivíduos numa sociedade. Ou seja, a identidade, na sua dimensão social, é um conceito que necessita do outro para ser referendado, pois não se constrói identidade para si e por si, sendo preciso interagir para que ela faça sentido.

Para Hall (2006 apud Santinello, 2011) existem três concepções de identidade: sujeito do iluminismo; sujeito sociológico; e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo consiste no ser como um indivíduo central, único, o qual é dotado de razão, possui consciência e é responsável por seus atos mediante à sociedade, podemos notar que esse conceito é de uma identidade individualista; o sujeito sociológico é construído por meio da relação entre ele e as pessoas as quais definem importantes, de acordo com os valores, sentidos e símbolos, podemos compreender então que a identidade através do sujeito sociológico ocorre através da ligação entre o indivíduo e a sociedade, correspondendo assim o espaço interno e o espaço externo, o qual o primeiro corresponde ao indivíduo como ser individual e o exterior que corresponde ao mundo em sociedade ou público; já a identidade do sujeito pós-moderno é o qual não possui identidade fixa, a qual se transforma de acordo com os acontecimentos da vida em sociedade. (HALL 2006, apud SANTINELLO, 2011).

Outro aspecto nesse debate é a noção identidades socialmente abertas e socialmente fechadas apresentada por Santos (2011). Identidades culturais socialmente fechadas são as que não possibilitam muitas escolhas aos sujeitos, pois quando esses nascem para o mundo as identidades já estão relativamente formadas-organizadas, e por serem fechadas, as abertas são as que os indivíduos podem, em certa medida, escolher partilhá-las, ou não. Para entender a construção da identidade cultural é a ideia. Já as identidades culturais socialmente abertas são as que os indivíduos podem, em certa medida, escolher partilhar, ou não.

2.3 IDENTIDADE TERRITORIAL

A identidade, como observou-se na seção anterior, está relacionada aos processos sociais e culturais presentes na organização da sociedade em relação aos seus espaços. Esses processos recriam-se no imaginário individual valores e práticas que serão mobilizados na construção de uma identidade coletiva sobre o território apropriado e vivido.

Haesbaert (2007) considera que toda a identidade territorial é uma identidade social, uma vez que o referente simbólico para a construção dessa identidade parte do ou perpassa o território. Assim, para o autor determinadas identidades são construídas a partir da relação concreta/simbólica e material/imaginária dos grupos sociais com o território. Nessa mesma direção, conforme afirma Pollice (2010, p. 08) “o território não é outro senão um espaço relacional que se constrói no tempo como produto de um processo de sedimentação cultural; um processo que tem o seu motor próprio na relação identitária que se instaura entre uma comunidade e o espaço da qual esta se apropria”.

Pollice (2010, p. 18-20) destaca oito aspectos sobre identidade territorial:

- a) Identidade e valores sociais: A identidade territorial de cada região possui seus hábitos e regras, que são impostos por leis de valores éticos.
- b) Identidade e transferência do saber: A identidade cultural contribui para as transferências intrageracionais, ou seja, a vida social de um indivíduo dentro do meio o qual está inserido e as transferências intergeracionais que são as interações que dizem respeito à cultura, a economia e, tradições de uma sociedade.
- c) Identidade e sentido de pertença: Diz respeito ao sentimento de pertencimento do indivíduo com o meio onde vive.
- d) Identidade e autorreprodução: É o conjunto de empresas locais que com processos reprodutivos movimentam a economia local, mantendo relações de identificação e reciprocidade local.
- e) Identidade e aquisição crítica do saber externo: A capacidade de auto-organização de um sistema territorial está ligado à capacidade que o território possui de adaptar-se conforme as influências externas.
- f) Identidade e valorização dos recursos territoriais: Consiste na valorização dos recursos naturais existentes principalmente os recursos que são únicos da região, transformando esse recurso único em um fator a ser reconhecido, o qual só é encontrado nessa região em questão. Identidade e política: É uma expressão bastante significativa pois é responsável pelos

projetos de desenvolvimento local e políticas públicas que fomentem o mercado local e o bem estar populacional.

- g) Identidade e sustentabilidade: São todos os valores que a população possui, se conserva o seu meio, seus recursos, diz respeito a valorização do meio o qual reside e também à valorização da sua cultura, orgulho às tradições.

Ao se analisar o contexto da produção artesanal para as condições do Rio Grande do Sul, nos últimos anos verifica o surgimento de importantes estudos que evidenciam a relação entre identidade e território. O trabalho de Tedesco (2018) demonstra que o modo de fazer artesanal, os valores, as técnicas, as formas de trabalho, de comercialização, a sociabilidade, a reciprocidade na agricultura familiar envolvem construções de identidades alicerçadas em códigos morais, saber-fazer e tradição dos sujeitos. Para Tedesco (2018), o território camponês revela-se num espaço de sociabilidades (familiares, produção, saberes, comunidades etc.), de identificação com identidades coletivas, as quais se (re)constroem constantemente a partir das relações sociais que se estabelecem interna e externamente. Entendido também assim, afirma o autor (2018, p. 32), “o território passa a representar os limites físicos compreendidos por uma determinada identidade, cujas fronteiras foram construídas socialmente. A partir da forma de como as relações se dão entre os grupos ou comunidades, é que se pode compreender o fenômeno identitário”.

Guimarães e Pinheiro (2018) também identificam vínculos indenitários com o território ao analisar dinâmicas sociais envolvendo o patrimônio cultural e os saberes na produção artesanal de alimentos na região conhecida como Quarta Colônia (RS). Ressaltam os autores o enraizado culturalmente e historicamente construído entre os atores sociais do local, e demonstram que as identidades socioculturais estão demarcadas culturalmente por um conjunto de valores, cultura, hábitos ligados com dimensões simbólicas e produtivas do território.

Seguindo nesse sentido, a pesquisa de Vargas e Fialho (2018) analisando aspectos de saberes e do processo artesanal em lã no contexto de uma comunidade rural no município de Caçapava do Sul (RS) no pampa gaúcho. Conforme Vargas e Fialho (2018), a produção artesanal em lã no Rio Grande do Sul possui raízes históricas e traços do modo de vida da sociedade, do saber e da cultura das comunidades que definem atributos simbólicos e de identidade territorial. Segundo observam os autores, os saberes dos (as) artesãos(ãs) fazem parte de um processo culturalmente vivenciado por eles, e alinhados junto com a história local, configuram os elementos que marcam a identidade dessa região pampeana. Por fim,

cabe destacar o trabalho de Biehl e Costa (2019) em que pesquisaram os saberes e aspectos identitários relativos ao artesanato em lã realizado com artesãos (ãs) em Santana do Livramento. Analisando as mudanças dos mercado, práticas e saberes, o trabalho retrata como o artesanato em lã é expressão da identidade local, reproduzindo uma identidade territorial carregada de significados nas peças produzidas.

3. PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ARTESÃOS

O presente capítulo tem por finalidade retratar o perfil socioeconômico dos (as) artesãos estudos. Ao longo do capítulo se estará analisado características como gênero, idade, escolaridade, tempo de atividade no artesanato, horas diárias de trabalho e renda.

3.1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS(AS) ARTESÃOS(AS)

A elaboração do perfil social dos(as) artesãos (ãs) considerou as variáveis gênero, faixa etária e escolaridade, conforme representado pelo Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil social dos entrevistados - Gênero, faixa etária, escolaridade

Gênero	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Masculino	1	9,1
Feminino	11	91,7
Total	12	100
<hr/>		
Faixa Etária (anos)	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
18 a 29	0	0,0
30 a 40	2	16,7
41 a 50	2	16,7
51 a 60	4	33,3
Acima de 60 anos	4	33,3
Total	12	100
<hr/>		
Escolaridade	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Não alfabetizado	0	0,0
Ensino fundamental	2	16,7
Ensino médio	9	75,0
Ensino superior	1	8,3
Pós graduação	0	0,0
Ensino técnico	0	0,0
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Conforme o quadro acima, é possível perceber que o trabalho artesanal é majoritariamente constituído por mulheres, representando 91,7% do total dos entrevistados, enquanto um homem (9,1%) compôs o universo masculino. As mulheres praticam o artesanato conciliando com outras atividades, pois conseguem conciliar as atividades domésticas com as atividades artesanais, elas afirmam que desse modo a sua carga horária é mais flexível, fazendo com que a mulher mantenha o papel de mãe, dona de casa e esposa

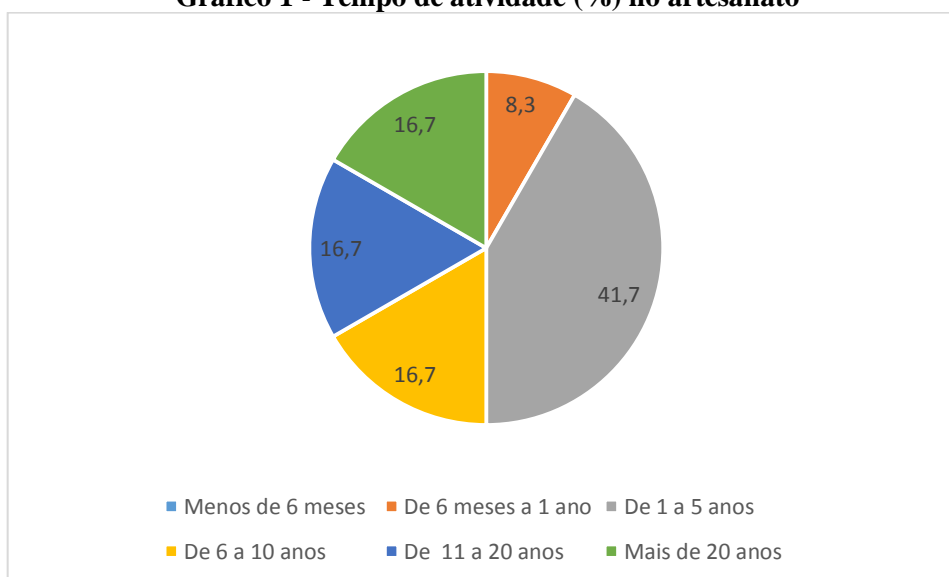
juntamente com o artesanato. Há também as mulheres de mais idade, as quais se aposentam e colocam em práticas “hobbies” como tricô, crochê e ainda conseguem, através do artesanato, uma renda extra além da sua aposentadoria.

A idade dos entrevistados foi estratificada em 5 grupos de idade. Os (as) artesãos (as) possuem idade entre 21 a 70 anos, sendo que o primeiro grupo contempla idade entre 18 e 29 anos, sem nenhum representante, o segundo grupo fica entre a faixa etária de 30 a 40 anos, onde há 16,7%; o terceiro grupo representado por pessoas com idade entre 41 a 50, formado por 16,7%; o quarto grupo constituído por idade entre 51 a 60 anos e o quinto grupo formado por pessoas com mais de 60 anos, tendo esses dois últimos grupos uma representação maior de pessoa, ambos com 33,3% cada. Nota-se, portanto, aliando o perfil de gênero e idade, um perfil social predominante de pessoas do sexo feminino, e com idade avançada, passando dos 50 anos.

No que diz respeito à escolaridade dos(as) artesãos (ãs) os resultados mostram que 16,7% possuem ensino fundamental completo. Esses artesãos são os que possuem mais idade, pois na juventude tinham que deixar de estudar para trabalhar e ajudar “em casa”, e no caso das mulheres, casavam-se cedo, e ao constituir família, não estudavam mais. Cerca de 75% possuem ensino médio completo, que é o caso das pessoas de meia idade, que após concluir o ensino médio não conseguiam cursar o ensino superior pelo fato de ser privado não possuírem condições de pagar. Apenas 8,3% possui ensino superior completo, que é o caso da artesã que já tem sua banca consolidada, dedicando seu tempo somente para as atividades do lar e do artesanato.

Com relação a idade dos entrevistados, cerca de 16,7% possuem idade entre 30 e 40 anos essas pessoas buscam no artesanato uma saída para o desemprego e auxiliar na renda em casa, desse modo associam-se em grupos da Casa de Economia Solidária de acordo com a atividade escolhida, no caso dos artesãos que situam-se no Parque Internacional trabalham como artesãos para dar continuidade ao trabalho dos familiares ou por que casaram-se com artesãos e ambos trabalham juntos onde o homem produz, a mulher cuida da banca e trabalha com ele na confecção ao acabar o turno na banca.

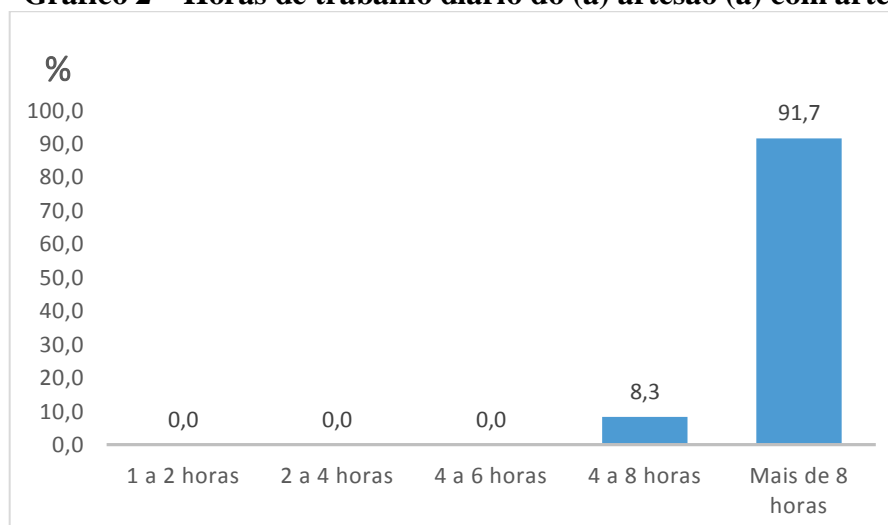
O Gráfico 1 retrata informações sobre o tempo de atividade que os (as) artesãos (ãs) trabalham com artesanato.

Gráfico 1 - Tempo de atividade (%) no artesanato

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Os resultados apontam que 8,3% estão na atividade de 6 meses a 1 ano, 41,5% no período de 1 a 5 anos, entre 6 e 10 anos 16,7%. Se considerar o período com mais de 10 anos, ultrapassa 30% dos entrevistados, o que revela que a produção artesanal se trata de uma atividade de “longo tempo” na vida dessas pessoas, evidenciando assim, um enraizamento territorial que articula tempo e saber.

O Gráfico 2 retrata as horas de trabalho diário com artesanato. O que se verifica é que os (as) artesãos (ãs) dedicam muitas horas diárias na atividade artesanal, pois 91,7% dos entrevistados afirmou que trabalham mais de 8 por dia de trabalho, dividindo tarefas entre a confecção e a venda dos produtos.

Gráfico 2 – Horas de trabalho diário do (a) artesão (ã) com artesanato

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Quando perguntados sobre qual a fonte de renda principal, os (as) artesãos (ãs) estudados demonstraram heterogeneidade quanto a origem da renda (Quadro 2). Metade dos entrevistados (50%) tem por principal fonte de renda a aposentadoria, 25% sobrevivem das atividades artesanais, 16,7% possuem por principal renda a emprego com carteira assinada, e, por fim, 8,3% (um caso) apresenta por principal renda o trabalho autônomo. Percebe-se que a aposentadoria ocupa um papel de relevância nos casos estudados, sendo fonte de renda importante no seio familiar. Além disso, também se verificou que a renda familiar em 100% dos casos encontra-se na faixa de 1 a 3 salários mínimos, onde tanto a aposentadoria, como o artesanato assumem papel relevante para alguns casos.

Quadro 2 - Formação da renda e participação do artesanato na renda familiar.

Fonte de renda principal	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Aposentadoria	6	50,0
Atividade artesanal	3	25,0
Empregado do serviço público	0	0,0
Emprego com carteira assinada	2	16,7
Autônomo	1	8,3
Outro	0	0,0
Total	12	100
Renda média mensal da família		
Renda média mensal da família	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Menos de 1 salário mínimo	0	0
1 a 3 salários mínimos	12	100
3 a 5 salários mínimos	0	0
Mais de 5 salários mínimos	0	0
Total	12	100
Participação do artesanato na renda familiar		
Participação do artesanato na renda familiar	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Menos de 10%	4	33,3
De 10% a 20%	2	16,7
De 20% a 50%	2	16,7
De 50% a 70%	1	8,3
De 70% a 90%	0	0,0
Mais de 90%	3	25,0
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

O Quadro 2 demonstra ainda a renda das famílias e qual a importância do artesanato na constituição da renda familiar. No que diz respeito ao percentual da participação da renda artesanal na renda total das famílias, para 33,3% o artesanato representa menos de 10% na

renda familiar, o que abrange as famílias com rendas da aposentadoria. Para as faixas entre 10% a 20% e 20% a 50% de participação na renda, o artesanato está presente igualmente em 16,7% dos entrevistados, e, em um caso, ocupa 50% a 70% da renda familiar. No entanto, para 25% dos entrevistados o artesanato, enquanto expressão de geração de trabalho e renda, representa uma importante estratégia de reprodução social das famílias, assumindo mais de 90% da renda familiar.

4. IDENTIDADE, PRODUÇÃO E VENDA

4.1 CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS DOS artesãos

No Gráfico 3, a seguir, é demonstrado onde os (as) artesãos (ãs) confeccionam seus produtos, sendo verificado que os locais podem variar entre produção em casa, na oficina da associação ou na casa de economia solidária.

Gráfico 3 - Local de produção do artesanato



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

O local de produção pode ter variações conforme a **característica** do empreendimento. Uma particularidade dos (as) artesãos (ãs) que localizam-se no **Parque Internacional** é produzir seu artesanato em casa, o que representa 66,7% dos casos. Já os que confeccionam na oficina da associação ou na casa de economia solidária são os que a elas são associados, sendo que 8,3% confeccionam em casa e na oficina da associação e 25% confeccionam em sua própria casa e na Casa de Economia Solidária. Há atividades artesanais que não necessitam de maquinários como o caso do tricô, crochê, pinturas. No caso de confecção de roupas de lã, faz-se necessário o uso de teares para a confecção da linha em lã, que estão localizados na Casa de Economia Solidária. Na Figura 1 a seguir podemos ver os teares que são utilizados na produção junto à Casa de Economia Solidária.

Figura 1 – Tear utilizado na produção artesanal junto à Casa de Economia Solidária



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Com relação aos artigos produzidos, identificou-se que há uma concentração de quatro linhas de produção, a saber: acessórios de moda; cama/mesa/banho; vestuário e alimentos. Na casa de economia solidária podemos ver grande parte dos acessórios de moda. Podemos ver na figura acima que há roupas em lã e em soft, Dona Neida afirma que mantém seus produtos em constante modificação, pois o artesanato não é como um pastel que hoje eu vendo e amanhã venderei para a mesma pessoa, por isso precisa estar em constante busca e aperfeiçoamento de seus trabalhos.

O segundo produto mais produzido são acessórios de cama mesa e banho, como guardanapos, capas, tapetes, os vestuários em lã como casacos, coletes, palas, mantas cobertores são confeccionados pelos componentes do grupo Teares do Sul, além de produtos que podem ser encomendados, há também as roupas em malhas como as calças de fazer ginástica que são confeccionados pela componente do grupo Mulher que faz. Em menor proporção são doces em compotas, geleias e molhos de pimenta, produzidos por uma artesã da Casa de Economia Solidária alimentos esses que a pouco tempo estão sendo comercializados na Casa.

Figura 2 – Produtos confeccionados na Casa de Economia Solidária.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Nas imagens anteriores podemos notar que os trabalhos confeccionados na Casa de Economia Solidária são bastante diversificados, desde palas, guardanapos, bolsas artigos de decoração, nessas fotos estão os trabalhos dos diferentes grupos que compõem a Casa de Economia Solidária.

Os produtos que são comercializados no Parque Internacional em grande maioria consistem em lembranças da cidade e artigos em couro como mateiras as quais tem diversas classificações como mateira aberta, fechada, completa, além das mateiras há também os termos encapados, cuias trabalhadas que também são encapadas com couro. Dona Graciela tem por diferencial pintar a mão cada lembrancinha sua, além dela a Geisibel tem orgulho das pulseiras e colares que confecciona, já a Dona Elilda vende seus crochês com bastante alegria afirmando que em grande maioria seus consumidores são uruguaios.

Figura 3 – Artesanato do Parque Internacional.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Figura 4 –Lembrancinhas Dona Graciela.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

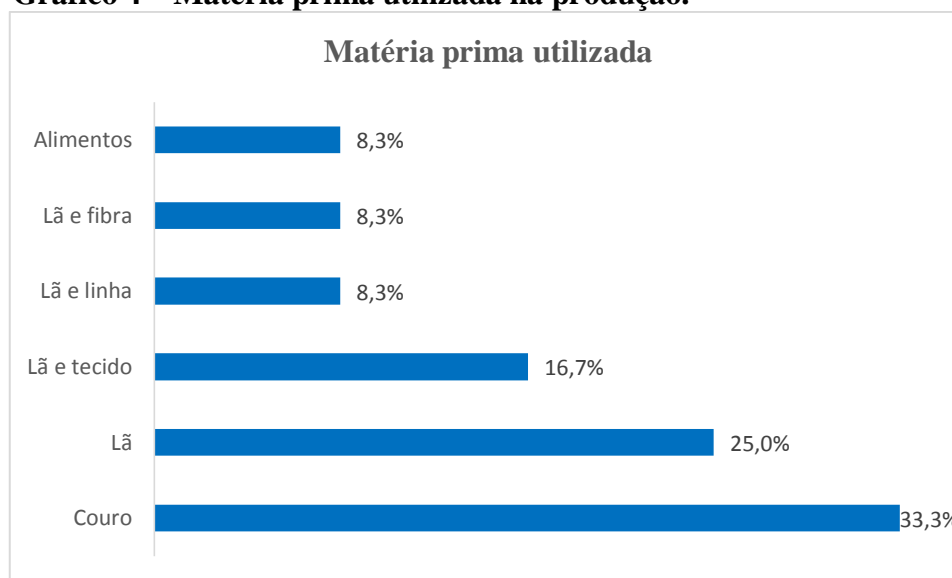
Figura 5- Banca da Dona Graciela no Parque Internacional



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

No Gráfico 4 a seguir será analisado quais são as matérias primas utilizadas de acordo com os produtos confeccionados.

Gráfico 4 – Matéria prima utilizada na produção.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Como podemos verificar pelo Gráfico 4, produtos como alimentos, lã e fibra, lã e linha representam 8,3% (cada item) da matéria-prima utilizada, e os produtos alimentícios há somente uma artesã que produz. No que diz respeito da lã, linha e fibra há poucos artesãos que trabalham com esses materiais, utilizando para a produção de roupas, itens de cama, mesa e banho. Em 16,7% do material utilizado consistem em lã e tecido, os quais são matérias-primas para a confecção de vestuário e guardanapos. No caso do uso essencial da lã para a confecção de roupas são utilizados 25% e a matéria prima mais utilizada é o couro, tendo 33,3% de importância para a confecção de mateiras, encapar termos, chaveiros entre outros produtos.

O Quadro 3 demonstra a origem e o local de compra da matéria prima.

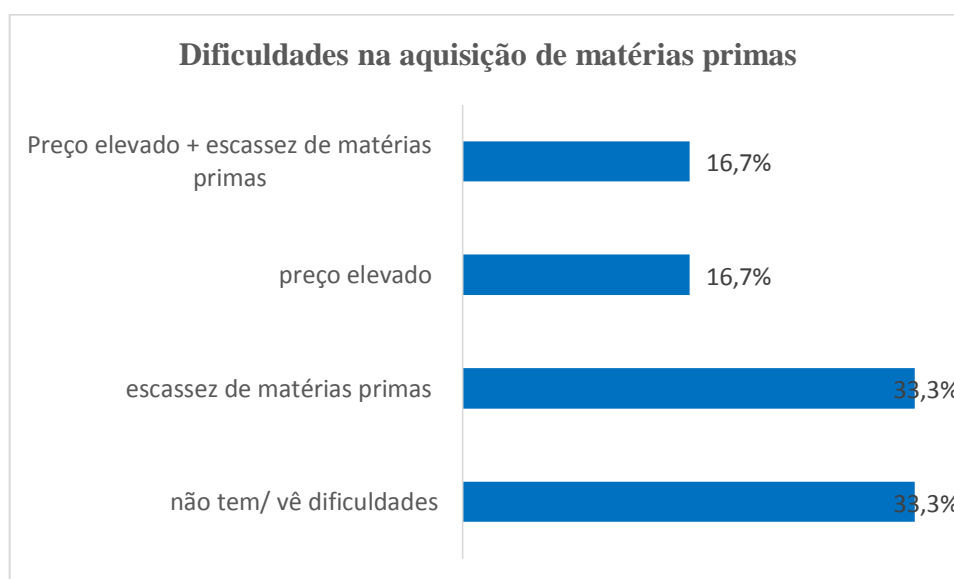
Quadro 3 - Origem e local de compra da matéria prima.

Origem da matéria prima	%
Comprada	100
Extração/Coleta	0
Produção própria	0
Doação	0
Total	100,0
Local de compra da matéria prima	
	%
No Município	58,3
Em outros municípios da região	8,3
Fora da região	16,7
No Município + outros municípios da região	8,3
Em outros municípios da região + fora da região	8,3
Total	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Segundo o Quadro 3, a origem da matéria prima é 100% comprada, sendo 58,3% adquirida dentro do município de Santana do Livramento, 8,3% em outros municípios da região e 16,7% adquirem de fora da região. Há também os casos de artesãos(ã) que utilizam parte matéria prima local e parte adquirem em outros municípios da região (8,3%) ou de outros municípios e fora da região (8,35). Isso acontece por que os (as) artesãos (ãs) encontram dificuldades em encontrar a matéria prima no município ou mesmo devido ao preço elevado. Tais dificuldades serão analisadas no Gráfico a seguir.

Gráfico 5 – Dificuldades apontadas para a aquisição de matérias primas.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

No que diz respeito às dificuldades existentes para a aquisição de matérias primas, 16,7% dos entrevistados apontam o preço elevado e a escassez de matéria prima, 16,7% consideraram a principal dificuldade somente o preço elevado. Há ainda os (as) artesãos (ãs) que afirmaram que somente o preço elevado é empecilho (33,3%) e aqueles (as) que não vêm dificuldades na aquisição de matéria prima (33,3%).

4.2 A RELAÇÃO COMERCIAL

Em relação a comercialização do artesanato, percebe-se que há um vínculo estabelecido com o território, pois majoritariamente a venda ocorre no próprio município. Através do artesanato, o homem satisfaz e ainda satisfaz demandas essenciais e acessórias do seu meio social e econômico, no tocante à obtenção de bens manufaturados. SANTOS (2010, P 4) (Quadro 4).

Quadro 4 - Local de comercialização.

Entrevistado	Local de comercialização		
	No Município	Em outros municípios da região	Fora da região
1	60%	40%	0%
2	100%	0%	0%
3	100%	0%	0%
4	100%	0%	0%
5	100%	0%	0%
6	100%	0%	0%
7	90%	0%	10%
8	90%	0%	10%
9	100%	0%	0%
10	90%	10%	0%
11	100%	0%	0%
12	100%	0%	0%

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Dos doze entrevistados, oito vendem 100% a sua produção no município, três vendem cerca de 90% da sua produção no município, e os outros 10% fora da região. Há um caso relatado de uma artesã que relata que vende 60% na cidade e os outros 40% fora na Feira de Economia Solidária que ocorre anualmente em Santa Maria.

Os artesãos que localizam-se no Parque Internacional afirmam que seus consumidores são locais, tanto brasileiros quanto uruguaios. Segundo as entrevistas realizadas, os artesãos afirmam que seus produtos são vistos “como de qualidade”, por isso, aqueles que adquirem geralmente voltam a consumir seus produtos. Mas há também a parcela da população que não os veem com bons olhos, segundo a Geisibel “uma parcela da

população nos vê como camelôs” e a outra artesã Graciela também afirmou a mesma coisa, já a dona Enilda diz que a maior parte da população não valoriza o artesanato, afirmam que uma pequena parcela os vem como artesão e os valorizam que é o caso dos consumidores antigos. Afirmam que os uruguaios por mais que sejam o mesmo percentual de consumidores brasileiros valorizam mais os empreendimentos.

Isso acontece também com os artesãos da Casa de Economia Solidária, os entrevistados afirmam que não são valorizados, que a população nem sabem que existe uma Casa de Economia Solidária e que há trabalhos artesanais ali, dona Neida relata que em um dia de feira que duas senhoras que por ali passavam uma delas mostrou interesse nos trabalhos e a outra disse “ai o que tu quer ver? Ai é só crochê”, dona Neida afirma que eles tem muito mais a oferecer, uma variedade de produtos e essa mini feira ocorre porque os artesãos da casa precisam montar na frente do terreno pois a estrutura onde eles estão instalados é no fundo do terreno e eles não são vistos por quem passa, como eles mesmos dizem o local é bom mas a estrutura deixa a desejar pois a união cedeu o espaço à eles porém a prefeitura não arca com a luz que é necessidade básica para que as atividades sejam realizadas. Os artesãos da casa afirmam que ela é essencial para que eles possam manter suas atividades, para mantê-los unidos coisa que o Sr Fernando afirma que é o que falta para os artesãos do município, a união. Quase que todos os entrevistados apontaram como principal função da associação, resolver assuntos burocráticos, mantê-los unidos e fazer com que os artesãos cumpram com o horário em suas bancas (no caso do Parque Internacional), na casa de economia que funciona através de “caseriadas” onde grupos de diferentes empreendimentos são responsáveis por dias determinados através de escalas cumprem com suas responsabilidades sem precisar que a associação interfira. Sendo a associação um mecanismo que une os artesãos e proporciona a eles um local para que comercialize seus produtos é de suma importância para o desenvolvimento local.

Para a grande parte dos entrevistados a associação é importante para mantê-los unidos, fazer com que os horários cumpridos e resolver assuntos burocráticos, já o Sr Fernando afirma que a associação é importante pois torna todos os artesãos iguais, que não há diferença entre eles, a dona Vera diz que a associação é importante porque através dela conseguem projetos.

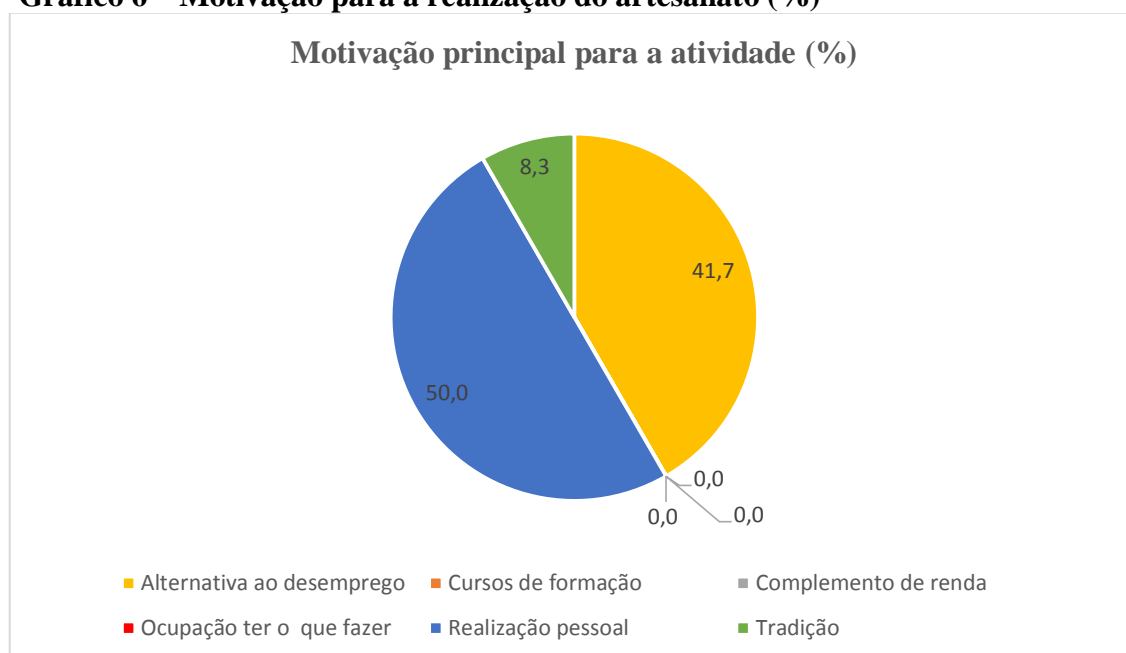
5. O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL NA FRONTEIRA

5.1 O OFÍCIO DE SER ARTESÃO (A)

Por que ser artesão(ã)? A atividade artesanal é uma forma identitária que está ligada à realização pessoal, bem como moldada pela tradição, conforme é possível observar pelo Gráfico 6. Grande parte dos (as) artesãos (ãs) possuem esse ofício porque gostam, escolheram essa profissão e são realizados desempenhando as atividades artesanais.

No Gráfico 6, a seguir, se observa as principais motivações para os artesãos desempenharem suas atividades.

Gráfico 6 – Motivação para a realização do artesanato (%)



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Como dito anteriormente, a maioria exerce o ofício de ser artesão (ã) porque gosta, o que representa 50% do entrevistados, seguido de 41,7% como sendo uma alternativa para o desemprego. O restante, 8,3%, respondeu que a tradição é o fator principal, como é o caso de Geisibel que desde criança frequenta a banca a qual é dona atualmente, banca esta que foi de seu pai a qual cresceu e aprendeu o ofício, e tem por objetivo dar continuidade ao trabalho de seu pai. O percentual correspondente aos artesãos que vem no artesanato uma saída para o desemprego, majoritariamente são mulheres que buscam no artesanato auxiliar a renda do seu companheiro, e alegam ter tempo para seus afazeres domésticos e cuidar dos filhos. Os (as)

artesãos (as) que mencionaram que veem o artesanato como realização pessoal, são pessoas que trabalharam sua vida toda na atividade, e escolheram na sua juventude desempenhar tal função, como o caso da dona Neida que aprendeu a fazer tricô observando a senhora que ela cuidava, pois na época era o seu trabalho. Posteriormente aprendeu a fazer crochê com a vizinha para fazer seu enxoval de casamento, hábito que anos atrás era comum as noivas fazerem seu próprio enxoval.

Ser artesão (ã) para muitos é uma filosofia de vida, é transmitir com as mãos aquilo que sente, é possuir liberdade para criar, é conciliar trabalhar no que gosta e adquirir seu sustento, uma saída para o desemprego e apaixonar-se pela profissão a cada trabalho realizado. Grande parte dos entrevistados afirmaram que o interesse em aprender a atividade artesanal foi com os familiares, geralmente com o pai e a mãe, ou pelo fato de os observar a desempenhar tal função e compartilhar o gosto pela mesma que é o caso de Geisibel que cresceu no meio artesanal e escolheu como profissão o artesanato. Dona Neida admirava a senhora a qual cuidava que desempenhava atividades artesanais como o tricô, e pela observação aprendeu o ofício e posteriormente aperfeiçoou com a sua vizinha que a ensinara.

Muitos dos(as) artesãos (ãs) entrevistados (as) aprenderam a arte artesanal com os pais ou familiares. Há o caso da Geisibel que aprendeu com os pais, conforme é manifestado na sua fala “o amor pela profissão que o pai sentia foi me transmitido”, e assim surgiu seu interesse pela atividade artesanal.

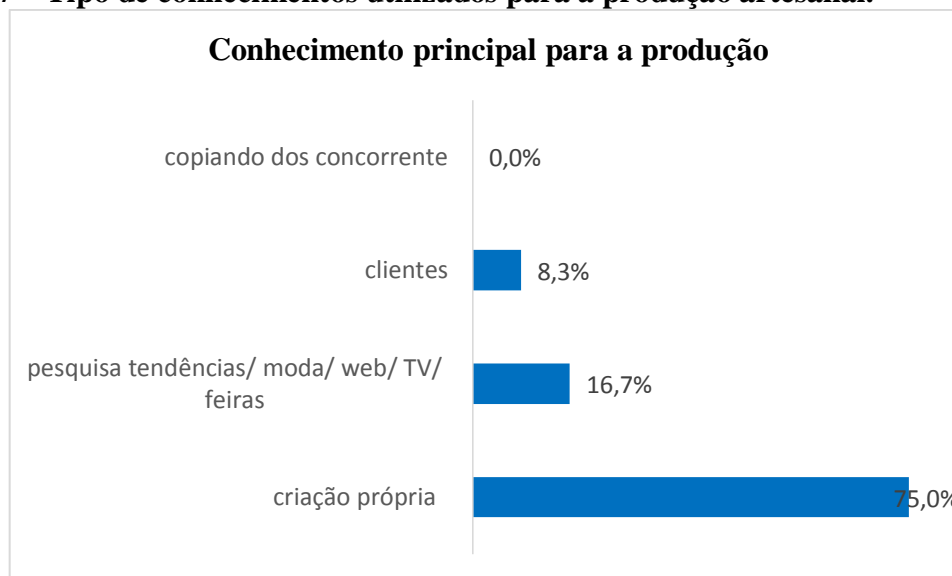
Para a dona Graciela e Geisibel ser artesã é o “seu sustento”, mas é também trabalhar com aquilo que gosta. Já dona Neida e dona Laura já trazem um sentido sentimental à questão artesanal, definem o trabalho artesanal como uma filosofia de vida o que dá sentido a ela. Os (as) artesãos (as) afirmam que o artesanato dá sentido à vida deles, traz alegria por poderem criar seus produtos conforme as suas inspirações que somente a atividade traz a liberdade para isso. Assim, percebe-se que o ofício de ser artesão (ã), trata-se, para muitos, de um modo de vida, ligado a traços identitários que envolve vínculos com o passado, marcado por imaginários, lembranças e saberes passado de geração a geração.

5.2 O SABER-FAZER ARTESÃO(Ã)

Muitos artesãos (ãs) se baseiam nos clientes e tendências para a criação de novos produtos. No caso (das) artesãos (ãs) que se localizam no parque Internacional afirmam que

mudam o produto quando os colegas de banca começam a fazer o trabalho muito parecido. No Gráfico 7 consta aspectos relacionados ao conhecimento utilizados na produção artesanal.

Gráfico 7 – Tipo de conhecimentos utilizados para a produção artesanal.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Conforme o Gráfico 7, a criação própria é responsável por 75% da maneira como os artesãos confeccionam seus produtos. Os entrevistados afirmam que não podem fazer o mesmo produto todas as vezes. Seu Fernando argumenta que não é como “um pastel que todo o dia o cliente comprará a mesma coisa”, e por isso precisa sempre estar inovando seus produtos. Ao que diz respeito à tendências, moda e internet, cerca de 16,7% dos entrevistados pesquisam antes de criar produtos novos, acompanham o que os “artistas famosos” estão usando, e os 8,3% criam produtos novos de acordo com os clientes pedem ou encomendam.

A escolha para a confecção dos produtos é feita de acordo com a estação do ano. Para produtos vestuários, esses começam a ser confeccionados alguns meses que antecedem o outono e inverno, e peças decorativas dependem são produzidas de acordo com as datas comemorativas anuais. As peças artesanais não são todas que possuem ligação com o município, os que trazem a imagem ou algo que lembre a cidade. Geralmente são peças de lembrancinhas, como as da Dona Graciela que pinta a mão seus “mapinhas”, cuias e demais artigos decorativos. Os (as) entrevistados (as) afirmam que o seu artesanato traduz qualidade, que são bonitos, bem feitos, os quais “só tem aqui no município”, como afirmam, principalmente as lembranças da cidade, as quais a dona Graciela faz questão de pintar a mão cada lembrança.

Para Ciampa (1987 apud Faria, 2014) a identidade está em constante transformação resultante da intersecção da história do indivíduo com o contexto histórico que o indivíduo

está inserido. Desse modo podemos afirmar que o artesanato é o trabalho de uma vida, onde o artesão emprega o seu meio de vida em sua atividade, retratando a sua vivencia, o seu saber na sua peça, transmitindo para o consumidor ou demais indivíduos a uma história. Cada peça artesanal é carregada de significados da cultura e do território, a qual o (a) artesão (ã) produziu com dedicação, pois não é só o sustento, mas também a realização pessoal. Assim, o(a) artesão (ã) faz o que gosta, se sente bem e consegue transmitir esses sentimentos através do seu produto finalizado.

5.3 IDENTIDADE INVISIBILIZADA

Ser artesão(ã) é uma luta constante por demarcar uma identidade de “resistência”, sendo aquela que é criada por atores desfavorecidos ou desvalorizados (CASTELLS, 2008). Assim, nesses espaços de negação, os indivíduos constroem “trincheiras” de resistência e sobrevivência, esses artesãos persistem na sua profissão, muitas vezes são excluídos porém persistem na sua luta diária. A fonte de significação e experiências que define a identidade dos (as) artesãos (ãs) encontra, nela mesma, a negação de si pelos outros.

Essa seção procura descrever alguns aspectos que marcam a invisibilidade dos (as) artesãos (ãs) como sujeitos. Inicia-se fazendo uma análise das relações que são estabelecidas entre os (as) artesãos (ãs) e os clientes (Quadro 5).

Quadro 5 - Origem dos clientes em percentual.

Entrevistado	moradores (locais)	moradores (uruguayos)	turistas (brasileiros)	turistas (estrangeiros)
1	25%	25%	25%	25%
2	50%	50%	0%	0%
3	25%	25%	40%	10%
4	70%	0%	0%	30%
5	10%	50%	0%	40%
6	30%	0%	70%	0%
7	35%	35%	20%	10%
8	35%	35%	20%	10%
9	100%	0%	0%	0%
10	90%	5%	5%	0%
11	40%	40%	15%	5%
12	40%	40%	20%	0%
Média	47%	26%	16%	12%
Máximo	100%	50%	70%	40%
Mínimo	10%	0%	0%	0%

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Como podemos notar segundo o Quadro 5, quando analisado a média dos clientes, 47% dos (as) artesãos (ãs) afirmam que seus clientes são moradores locais, seguido com 26% para moradores uruguaios, 16% turistas brasileiros e 12% turistas uruguaios. Nenhum artesão (ã) vende para para lojas brasileiras e/ou uruguaias.

Dona Marta começou seu empreendimento à poucos meses, produzindo geleias e molhos de pimenta comercializando na Casa de Economia Solidária. Dona Veridiana e Doa Laura produzem peças de vestuários, vendendo, respectivamente 90% e 70% da sua produção para moradores locais. Dona Laura vende os 30% da sua produção para turistas estrangeiros, os quais ela afirma que valorizam mais os seus produtos.

Ao analisar o Quadro 5 podemos notar que há artesãos (ãs) que vendem de forma bem distribuída os seus produtos, tanto para moradores locais, quanto para turistas uruguaios, brasileiros, os percentuais que mais vendem para turistas estrangeiros são a dona Laura, com 30% e a Dona Enilda com 40%. Nos percentuais de menores vendas para moradores locais encontram-se a dona Enilda, vendendo 10% para moradores locais, 50% para moradores uruguaios e 40% para turistas estrangeiros.

Por mais que haja uma parcela da população local que compre os produtos dos (as) artesãos (ãs), os (as) mesmos (as) afirmam que essa parcela poderia ser maior se o poder público investisse em infraestrutura e uma divulgação. A atividade artesanal, conforme visto anteriormente, está alicerçada em uma auto representação e auto reconhecimento onde o ofício de ser artesão (ã) é, acima de tudo, um modo de vida. Muitos dessas mulheres e homens não imaginam seu modo de existência fora desse ofício. Outros, nele entraram, buscando uma oportunidade de reprodução social familiar. No entanto, o fato é que esses (as) artesãos (ãs) ainda permanecem invisibilizados perante a esfera social e política de Santana do Livramento. Historicamente esses artesãos (ãs) apresentam dificuldades de inserção na economia local e reconhecimento social. Quando perguntados percebem que a sociedade santanense os enxergam, foi expressivo o sentimento de invisibilidade, conforme é possível observar nas falas de Bruna “somos discriminados pelos moradores. Não valorizam nosso trabalho”, Marta “a grande maioria não nos veem, não conhecem, nem sabem que existimos” e Veridiana “Os santanenses não valorizam o trabalho do artesão, preferem pagar mais por um produto de marca renomada do que valorizar o trabalho do artesão local”. A maioria dos entrevistados afirmam que não os veem com bons olhos, ou não valorizam como artesãos. “Há pessoas que nos confundem como camelôs” segundo afirmam Geisibel e a Graciela. Ao não serem “vistos e lembrados”, são marginalizados socialmente, e oportunidades de reconhecimento de sua identidade permanentemente são obstruídas.

Uma outra faceta de exclusão e inviabilização verificada se dá perante o poder público e o turismo. Consideram que o poder público não dá a devida atenção que merecem, e que ainda são esquecidos pelas políticas públicas municipal, já que não estão contemplados pela agenda de ações de governança, como o turismo e empreendedorismo comercial. Existe unanimidade entre os (as) artesãos (ãs), tanto do Parque Internacional como da Casa de Economia Solidária, que o turismo poderia ser melhor aproveitado em seu benefício, pois ainda consideram uma atividade muito desorganizada. Questionados se o turismo proporciona benefícios, alguns afirmam que é bom somente para Rivera, que lá o turista é melhor aproveitado, já que possui mais infraestrutura para recebê-los. Bruna, artesã do Parque internacional, afirma que “sinto excluída por que a grande maioria dos turistas vai para Rivera, são poucos os que na volta chegam para comprar alguma coisa. Já Neida, artesã da Casa de Economia Solidária também manifesta sua insatisfação “o turista vai direto para Rivera e não veem os artesoes locais” e muitas vezes ao voltarem no fim do dia de Rivera os turistas que notam as bancas afirmas que já gastaram todo seu dinheiro na cidade vizinha. Se o turismo proporciona aos turistas espaços de convivência e interação na zona fronteira Livramento e Rivera, o imaginário turístico atribuído “ao que/quem ver”, “o que comprar” e com “quem interagir”, demonstra ser um processo comum de invisibilidade social perante aos (as) artesãos (ãs) estudados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso teve por objetivo analisar como se dá a construção dos processos sociais e produtivos que marcam e definem a formação identitária dos (as) artesãos (ãs) em Santana do Livramento. Com o presente trabalho podemos ter uma noção de como é a relação artesanal com o comércio de fronteira, além de analisarmos como se dá a relação entre artesanato e identidade e a ligação desses itens com o território. Segundo Tedesco (2018) o modo de fazer artesanal, os valores, as técnicas, as formas de trabalho, de comercialização, a sociabilidade, a reciprocidade na agricultura familiar envolvem construções de identidades alicerçadas em códigos morais, saber-fazer e tradição dos sujeitos e esses valores podemos ver presentes em todo o trabalho.

Guimarães e Pinheiro (2018) também identificam vínculos indenitários com o território ao analisar dinâmicas sociais envolvendo o patrimônio cultural e os saberes na produção artesanal como por exemplo as lembrancinhas da cidade pintadas à mão pela Dona Graciela.

No capítulo 3 foi analisado as características socioeconômicas dos (as) artesãos (ãs). Podemos notar que em grande maioria os artesãos são mulheres, com idade entre 18 à 60 anos. No que diz respeito à horas dedicadas às atividades, 91,7% dedicam mais de 8 horas por dia, a metade dos (as) entrevistados (as) são aposentados em torno de 25% trabalham somente com a atividade artesanal, sendo a renda média mensal em torno de 1 a 3 salários mínimos. Os que são aposentados ou possuem outra renda, o artesanato tem papel importante paa a composição da renda familiar. Embora sejam associados e possuem sede da associação, a grande maioria produz seus artesanatos em casa ou na Casa de Economia Solidária, pois trabalham em forma de caseriada, e no momento em que estão na Casa de Economia Solidária confeccionam seus produtos, a economia solidária é um mecanismo de inclusão social para que ocora desenvolvimento e crescimento econômico.

No capítulo 4, ao se analisar aspectos da produção e venda, percebeu-se que a matéria prima que os (as) artesãos (ãs) utilizam na grande parte são couro e lã. Para a aquisição de matéria prima há dificuldades, como a escassez de matéria prima, o preço elevado, mas há também uma parcela que não vê dificuldades na aquisição da mesma. No momento da venda quase que majoritariamente dos (as) artesãos (ãs) vendem no município seus produtos, sendo que há também um percentual pequeno que vende para outros municípios da região.

O capítulo 5, ao descrever e analisar aspectos relacionados ao ofício de ser artesão(ã), evidenciou 50% afirmam que escolheram essa atividade como uma forma de realizar-se profissionalmente, pois é com trabalhando com o artesanato esse estilo de vida que escolheram que sentem-se realizados, 41,7% como uma alternativa para sair do desemprego e 8,3% pela tradição de sua família que é o caso da Geisibel que cresceu observando seu pai trabalhar com artesanato, aprendeu o ofício com ele e após o falecimento de seu pai decidiu dar continuidade às atividades artesanais. Quando perguntados sobre a aparência de seus produtos e como fazem para a criação de produtos novos, a maioria tem suas próprias inspirações. Há também quem pesquise na internet ou sites de moda para a criação de seus produtos, os entrevistados afirmam que seus produtos são completamente diferentes dos demais pois criam conforme seus sentimentos e vontades, transmitindo seus saberes, suas tradições.

Os principais consumidores, segundo os (as) entrevistados (as) são moradores locais. No entanto, os (as) artesãos (ãs) afirmam que os uruguaios valorizam mais os trabalhos e que a clientela santanense é fixa e de anos. Os artesãos da Casa de Economia Solidária afirmam que os clientes brasileiros são poucos e não valorizam os seus trabalhos.

Com essa pesquisa pode-se notar as dificuldades enfrentadas pelos (as) artesãos (ãs) como a incerteza de permanecerem nas suas bancas que é o caso dos artesãos do Parque Internacional, já os (as) artesãos (ãs) da Casa de Economia Solidária que ficaram um bom tempo sem água nem luz, e ainda continuaram sem luz no período em que a pesquisa fora realizada. A importância que o artesanato tem para o município é bastante significativa pois além de movimentar a economia local, fortalece a cultura e identidade santanense, pois através da venda dos produtos artesanais que a cultura santanense é reconhecida pelos seus consumidores, mantendo no ramo esses (as) artesãos (ãs) que sentem-se realizados em sua profissão.

REFERÊNCIAS

- BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da Fsg**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.141-151, jun. 2009.
- DALLABRIDA, Valdir Roque; SANDER, Sabrina. ATIVOS COM ESPECIFICIDADE TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO: uma análise exploratória sobre sustentabilidade em territórios com Indicação Geográfica. **Crises do Capitalismo**, Santa Cruz do Sul, p.1-23, set. 2013.
- DUARTE, Tiaraju Salini. A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS NA FRONTEIRA SUL DO BRASIL. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, p.04-19, jun. 2016.
- FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 1, n. 15, p.35-42. 2011.
- FUINI, Lucas Labigalini. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@plural**, Ponta Grossa, v. 1, n. 8, p.255-249. 2014.
- GUIMARÃES, Gisele Martins; PINHEIRO, Rogério Oliveira. Patrimônio cultural e produção artesanal de alimentos: o saber-fazer em sistemas de produção na Quarta Colônia-RS. In: DAVID, Cesar de.; VARGAS, Daiane Loreto (Orgs). **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018. p.44-61.
- LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda**. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.
- MELLO, Carolina Iuva de. **Território feito a mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016.
- MELLO, Carolina Iuva de; FROEHLICH, Marcos. Artesanato e identidade territorial: o caso da Costa Doce. In: DAVID, Cesar de.; VARGAS, Daiane Loreto (Orgs). **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018. p.141-156.
- OLIVEIRA, Andressa Rodrigues Sensato; SILVA, Carla Holanda da. Território, Territorialidade e Identidade Territorial: categorias para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico. **Caderno de Geografia**, v. 27, n. 49, p.411- 426. 2017.
- POLLICE, Fabio. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p.7-23, jun. 2010.
- QUEIROZ NETO, Venâncio Freitas de. **O artesão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)**. 2011. 111 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestre em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Upanema, 2011.
- RIAS, Marli; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Artesanato, cultura e identidade do grupo art d'mio de Brás Pires-MG**. 2016. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia Doméstica, Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

RORIZ, Priscilla Carvalho de Oliveira. **O trabalho do artesão e suas interfaces culturais-econômicas**. 2010. Tese (Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília. Brasília. 2010.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Rev. Estud. Comun**, Curitiba, v. 28, n. 12, p.153-159, ago. 2011.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. **Rascunhos Culturais**, Goiás, p.141-157, dez. 2011.

SANTOS, Thiago de Sousa et al. O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7., 2010, Lavras. **O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local**. Lavras: Seget, 2010. p. 14 - 14.

SANTOS, Thiago de Sousa et al. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local. In: SEGET – SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7. **Anais...** Resende, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 368 p.

TEDESCO, João Carlos. Artesanato, territorialidades étnicas e agricultura familiar: dinâmicas socioculturais e mercantis no meio rural: o caso da Rota Salamarias. In: DAVID, Cesar de.; VARGAS, Daiane Loreto (Orgs). **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018. p.15-43.

TEIXEIRA, Marcelo Geraldo et al. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 149-159, jul./dez. 2011.

VARGAS, D. L. **Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho**. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016.

VARGAS, Daiane Loreto; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Aspectos de gênero e saberes no processo artesanal em lã: contexto da comunidade rural da Vila Progresso em Caçapava do Sul. In: DAVID, Cesar de.; VARGAS, Daiane Loreto (Orgs). **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2018. p.104-124.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Empreendimentos Econômicos Solidários -

Nome do empreendimento econômico solidário: _____

Nome do (a) entrevistado (a): _____ () M () F

Data da entrevista: _____

Bloco I – Caracterização Socioeconômica

1. Idade: _____

Faixa etária: () 18 a 29 () 30 a 40 () 41 a 50 () 51 a 60 () Acima de 60 anos

2. Escolaridade

() Não alfabetizado () Ensino fundamental () Ensino fundamental () Ensino médio

() Ensino superior () Pós graduação

3. Tempo de atividade (anos): _____

() Menos de 6 meses () De 6 meses a 1 ano () De 1 a 5 anos () De 6 a 10 anos

() Entre 11 a 20 anos () Mais de 20 anos

4. Número de pessoas na família que trabalham com artesanato: _____

Nome	Sexo (M) (F)	Relação de parentesco com o(a) artesão*	Dedicação diária a atividade**

* 01 – Cônjuge (esposa ou marido); 02 – Filho(a); 03 – Parentes

** 01 - 1 a 2 hs ; 02- 2 a 4 hs; 03 - 4 a 6 hs; 04 - 4 a 8 hs

5. Pessoas envolvidas na produção artesanal.

() o entrevistado () familiares () contratados-temporários () associados/cooperados

() contratados-empregados fixos

6. Onde produz seu artesanato?

() Em sua casa () Em oficina da associação () Em espaço cedido pela prefeitura

() Casa de economia solidária () Local alugado () Outro _____

7. Motivação (principal) para a atividade:

() Alternativa ao desemprego () Cursos de formação () Cursos de formação

() Complemento de renda () Ocupação ter o que fazer () Realização pessoal

() Tradição () Outro _____

8. Responsável pelo ensinamento da técnica de artesanato

() Familiares () Instrutores em cursos () Outro artesão(ã) () Revista/ televisão

() Outro _____

9. Principal fonte de renda familiar

() Aposentadoria () Atividade artesanal () Empregado do serviço público
() Emprego com carteira assinada () Outro _____

10. Participação do artesanato na renda familiar

() Menos de 10% () De 10% a 20% () De 20% a 50% () De 50% a 70%
() De 70% a 90% () Mais de 90%

11. Renda média mensal familiar autodeclarada

() Menos de 1 salário mínimos () 1 a 3 salários mínimos
() 3 a 5 salários mínimos () Mas de 5 salários mínimos

Bloco II – Caracterização da Produção e Matéria Prima

Produção

12. Produtos confeccionados

() Acessórios de moda () Artigos religiosos esotéricos () Brinquedos () Vestuário
() Cama/ Mesa/ Banho () Decoração/Tapeçaria/Luminárias () Material para Escritório
() Souvenir (lembrancinha) () Outros _____

Matéria prima

13. Matéria prima utilizada

() Lã () Couro/pele () Madeira () Fibras () Argila () Sementes () Ceras
() Papelaria () Borracha/Látex () Metais () Vidro () Chifres/Ossos

14. Origem da matéria prima

() Comprada () Extração/Coleta () Produção própria () Doação

15. Quais as dificuldades na aquisição de matérias primas?

() preço elevado () escassez de matérias primas () quantidade insuficiente
() distância () atrasos nas entregas () Outros _____
() não tem/ vê dificuldades

16. Local em que a matéria-prima é adquirida

() No Município () Em outros municípios da região () Fora da região

17. Forma de aquisição da matéria-prima

() Individual () Coletiva

Equipamento e Máquinas

18. Forma de uso de máquinas e equipamentos

() Individual () Parceria com outros artesãos () Associação

Inovação

19. Como define as modificações mais frequentes nos seus produtos ?

() criação própria () pesquisa tendências/ moda/ web/ TV/ feiras () copiando dos concorrentes () Clientes

20. Como avalia seus produtos em relação aos demais artesãos?

() completamente diferentes () com poucas diferenças () diferentes com semelhanças

21. Já utilizou/utiliza financiamento para sua produção?

() Não () Sim Origem financiamento? _____

22. Pretende fazer financiamento/ empréstimo para sua produção até o próximo ano?

() Sim () Não

Bloco III – Caracterização da Comercialização e Gestão da Produção

24. Forma de comercialização

() Individual () Parceria com outros artesãos () Associação

25. Principais locais de comercialização

Local	Locais de venda	Grau de importância Autodeclarada		
		1º (%)	2º (%)	3º (%)
Na sede da associação				
Casa de economia solidária				
Praças				
Atravessador				
Em feiras				
Em Casa				
Atacadista				
Lojas				
Site de comercialização				
Atravessador				

26. Local em que a comercialização ocorre

Local	Grau de importância Autodeclarada		
	1º (%)	2º (%)	3º (%)
No Município			
Em outros municípios da região			
Fora da região			
Exterior (Uruguai)			

27. Qual o(s) mês(es) da maior produção? _____

() 1º trimestre () 2º trimestre () 3º trimestre () 4º trimestre

28. Qual o(s) mês(es) da maior venda? _____

() 1º trimestre () 2º trimestre () 3º trimestre () 4º trimestre

29. Qual a principal forma de divulgação do seu produto ?

() Venda pessoal (boca a boca) () feira/ exposições/ eventos () folhetos () rádio
() cartões de visita () telefone () associação () internet () Outros _____

30. Na maioria, os seu clientes são.

Origem	Participação nas vendas (%) *
() moradores (locais)	
() moradores (Uruguaios)	
() turistas (brasileiros)	
() turistas (estrangeiros)	
() lojas (locais, brasileiras, estrangeiras)	
() lojas (locais, brasileiras, estrangeiras)	

* (1) Menos de 10% (2) De 10% a 20% (3) De 20% a 50% (4) De 50% a 70%
(5) De 70% a 90% (6) Mais de 90%

31. Realiza controle contábil?	() Sim () Não	Se sim, há quanto tempo (anos)? _____	Quem realiza? () Próprio () Membro família () Outro
32. Gestão da produção é informatizada?	() Sim () Não		
33. Recebe assistência/capacitação ?	() Sim () Não	Se sim, de quem? () Prefeitura () Universidades () FLD () Sebrae () Outro _____ () Outro _____	Periodicidade? () Eventual () Integral () Semanal () Mensal () Semestral

34. Em quais áreas sente mais necessidade de capacitação?

() financeiro/ crédito () produção () administração/ gerenc./ vendas
() divulgação/ comunicação () embalagem () informática () sem resposta

35. Quais as necessidades de ampliação ou melhoria de seu local de trabalho?

() ampliar o espaço () nenhuma/ não tem () disp. dos móveis e equip.

() ter espaço próprio () local adequado () outros _____ () sem resposta

Bloco IV – Associativismo, Turismo e Desenvolvimento

36. Vínculo à alguma associação: () Não () Sim Qual: _____

37. Qual a origem da associação?

38. Quanto tempo está vinculado à associação? _____

39. Qual a importância da associação? _____

40. Vínculo à casa de economia solidária? () Não () Sim

41. Como você vê o turismo na fronteira?

42. O turismo em Santana do Livramento tem importância nas vendas? Comente

43. O turismo traz oportunidades para os artesãos?

44. Você se sente excluíd(a) pelo turismo?

45. O local onde estão instalados é adequado para atrair o turista? Comente

46. Como você acha que a sociedade santanense enxerga os empreendimentos econômicos e solidários em Santana do Livramento?

47. O que está faltando para ampliar a participação da economia solidária em Santana do Livramento?

48. Na sua opinião, o que precisaria ser melhorado e o que está faltando para fortalecer a atividade dos artesãos?

Bloco V – Aspectos identitários

49. O que significa ser artesão?

50. Como surgiu o interesse em aprender a atividade artesanal?

51. Com quem aprendeu o trabalho de artesanato?

52. Qual a importância que o trabalho de artesanato tem para sua vida?

53. Qual(is) as fontes de inspiração para a produção do artesanato?

54. Como ocorre a escolha pelos tipos de produtos a serem produzidos?

55. O artesanato produzido tem alguma ligação com o município? Comente

56. Que imagem traduz o artesanato produzido?

57. Qual(is) o(s) sentido(s) que o artesanato assume para você?

58. Qual a sua identificação com o artesanato que produz?

59. O que os consumidores acham do artesanato que adquirem?

60. Você tem projeto continuar sendo artesão?

APÊNDICE B– TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Maria Eliandra Paulo Soares, sob orientação do professor Márcio Zamboni Neske, que visa estudar a construção da identidade dos (as) artesãos (as) do município de Santana do Livramento.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será **divulgado** o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados apenas **nesta** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento.

Para isso () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a realização da entrevista, fotografia, gravação e filmagem vinculada a minha identificação para publicação na pesquisa ora informada.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Data: _____

Informações para contato

Nome do Pesquisador: Maria Eliandra Paulo Soares

Telefone: (55) 984169252

e-mail: eliandrasoares13@gmail.com

Instituição/Endereço: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Rua Rivadávia Corrêa, 825 - Centro, Santana do Livramento - RS, CEP: 97573-010. Telefone: (55) 3244-1440